

**Joana da Gama, uma estrategista das Letras Portuguesas do século
XVI**
**Joana da Gama, a strategist of the Portuguese Language in the 16th
century**

Fabio Mario da Silva*
famamario@gmail.com
Universidade de Évora, UE, Portugal

RESUMO: Joana da Gama surge no contexto da literatura feminina do século XVI como um caso atípico já que não professou como freira, tendo sido apenas uma beata, uma ‘freira laica’. A sua única obra publicada intitula-se *Ditos da Freira* e nela a autora faz uso de notáveis mecanismos para atrair a atenção do leitor. O presente trabalho pretende mostrar quais foram as estratégias utilizadas propositadamente por Joana para obter reconhecimento literário, embora assumindo a sua condição socialmente inferiorizada de mulher, quer intelectual, quer culturalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Joana da Gama. Condição feminina. Século XVI.

ABSTRACT: Joana da Gama appears in the context of the writers of the 16th century as an atypical case since she had not been professed as a nun, just as a pious person, a ‘secular nun’. Her only published work is entitled *Ditos da Freira*, in which she uses several mechanisms to capture the reader’s attention or, in other words, to get recognition. This paper aims to show the strategies used purposely by Joana to valorize her ‘sayings,’ although she accepts her woman condition, socially established as diminished to men, either intellectually or culturally.

KEYWORDS: Joana da Gama. Female condition. 16th century.

* Mestre em Estudos Lusófonos e Doutor em Literatura pela Universidade de Évora (UE), Portugal.

*A Moizeis Sobreira,
amigo-irmão de todas as horas*

Numa cronologia que podemos situar entre meados do século XV e meados do século XVI produz-se, na Europa ocidental, uma série de profundas transformações que definem a transição da Baixa Idade Média para a Idade Moderna. A mulher, na Idade Média, tinha um importante papel no sistema feudal e senhorial, sendo vigiada e guardada por pais, marido e filhos como veículo de procriação, assim gerando as dinâmicas dos contratos sociais que reforçavam o poder da nobreza. A clausura monástica era uma alternativa para fugir deste círculo cada vez mais constrangedor já que, no século XVI, as mulheres não só se veem obrigadas pelo Concílio de Trento (1545-1563) a casar pela Igreja, sob pena de serem presas pela Inquisição, como também se veem obrigadas a usar o sobrenome do marido para assim demonstrarem a sua submissão a este¹.

Contudo, alerta-nos Mario Pilosu (1995, p. 18-23), muitos estudiosos sublinham a condição feminina medieval interpretando de maneiras diferentes os mesmos documentos. Na sua própria ótica, muitos dos documentos históricos referentes à transição entre o século XII e XIII apontam para um modelo de mulher arrependida por ter levado uma vida dissoluta, cujos pecados descritos eram quase sempre do tipo sexual (fornicação e adultério), sendo a prostituição até mais bem tolerada se houvesse arrependimento por parte da mulher, e só depois do século XIII, com a criação do Tribunal do Santo Ofício, a prostituta, como a adúltera, seria condenada à fogueira como ‘bruxa sedutora’.

A ‘liberdade’ para a mulher, neste período, só seria possível para aquelas que enveredassem pela vida eclesiástica. Todavia, a autora deste estudo, Joana da Gama, não optou pela vida eclesiástica: optou por criar um recolhimento e viver nele segundo as suas próprias regras. Portanto, o que parece estar em jogo não é tanto a liberdade, mas a autonomia e a possibilidade de ter algum controle sobre o próprio

¹ Claudia Opitz (1993, p. 422) acredita que a partir da Alta Idade Média não só o convento ofereceu às mulheres só uma existência digna da sua condição social como também, a partir do século XIII, surgiram em grande número ordens conventuais exclusivas para mulheres, cuja forma de vida religiosa era particularmente feminina.

destino²; só assim seria dama e dona de si mesma³, embora possamos facilmente presumir que sob o jugo da Igreja Católica o conceito de liberdade feminina seria bem restrito e quase nunca efetivamente experimentado. Contudo, ressalve-se a existência de uma tradição de menorização da mulher na cultura ocidental já anterior ao Catolicismo, e que o entendimento do que deveria ser o lugar da mulher na sociedade variou ao longo desta. Trento veio regulamentar e obrigar à clausura as religiosas⁴, mas teve também a preocupação de dignificar e proteger a condição feminina, visto que um dos propósitos do matrimónio realizado na Igreja, perante testemunhas, tinha também a função de impedir o abandono das mulheres e das crianças.

Foi neste contexto, no da clausura eclesiástica, que surgiram as primeiras escritoras portuguesas; mulheres seguidoras do modelo de evangelização cristã abandonavam as suas famílias para se dedicarem ao serviço da fé, ou, como em muitos outros casos, eram as próprias famílias que procuravam 'livrar-se' delas para não terem que despender muito em variados dotes, e assim preferiam casar uma filha e concentrar o seu património num único⁵. Gozando dessa alternativa de reclusão (não o confinamento ao lar, mas ao convento/mosteiro), era-lhes

² Vanda Anastácio lembra-nos que a relação da vida conventual com a sociedade civil deveria ser de distanciamento através de regras muito rígidas, mas é possível observar-se uma relação muito próxima em variadas ocasiões: “O que a História nos ensina é que, apesar de estas regras se terem mantido em vigor durante vários séculos, houve épocas em que as relações entre as comunidades religiosas femininas e a sociedade civil se estreitaram de tal forma que a sua observância estrita se torna quase impossível” (ANASTÁCIO, 2010, p. 126).

³ Apesar de terem certa autonomia sobre os seus bens, Kessel adverte sobre a problemática que as 'semirreligiosas' despertaram no meio jurídico: “Perante os representantes da autoridade, religiosa e secular, e também perante o cidadão comum, a vida semirreligiosa tropeçava, no entanto, em sérios obstáculos. Perturbava as diferenças de condição dos estatutos clerical e laico, e criava assim toda a espécie de confusões, inclusive no plano jurídico, sobretudo do ponto de vista do direito sucessório” (KESSEL, 1993, p. 188).

⁴ As reformas e aplicações do Concílio de Trento também foram determinantes para as mudanças nos conventos em prol de uma política religiosa: “Do ponto de vista espiritual, as reformas de Trento significaram tanto a institucionalização como a profissionalização do aperfeiçoamento pessoal na virtude. Os conventos converteram-se em verdadeiros ‘institutos de perfeição’, procurando diferenciar-se cada vez mais das instituições profanas e conquistando o monopólio da santidade canonizada” (KESSEL, 1993, p. 207).

⁵ A partir do século XVI deu-se, em Portugal, uma proliferação de conventos femininos, pertença de diversas ordens religiosas. O ingresso das noviças nos conventos raramente se dava por sua própria escolha, mas sim por imposição social, visando à manutenção de estatutos familiares e estabilização social das elites, sobretudo no concernente aos filhos segundos. Apesar de, como revela Isabel dos Guimarães Sá (2011, p. 280), existirem também outros motivos, como, por exemplo, mulheres com vocações genuínas, mulheres que procuravam evitar casamentos arranjados ou fugiam de maus casamentos, e outras ainda que ingressavam após viuvez, visto esses espaços serem uma alternativa com prestígio social.

assegurado o acesso à escolarização e à literatura, aperfeiçoando-se espiritual e intelectualmente⁶.

Se o termo cânone é sinónimo de denominações como “sublime truth”, “rule”, “standard”, “artistic moral”, ou “a book list for educational value” (GORAK, 1991, p. 55), Joana da Gama não pretendeu transformar os seus ditos numa referência no meio letrado português de sua época; outrossim teria pretendido, cremos, ainda que modestamente, fazer uma intervenção no campo cultural apesar de, ao mesmo tempo, se assumir na posição inferiorizada de mulher.

Por isso mesmo, só no claustro, no convento fechado (para além de alguns casos esparsos como as mulheres protegidas pela Infanta Dona Maria, filha do Rei D. Manuel) se poderia produzir intelectualmente e viver para a literatura como meio de expressão, criatividade, descoberta e enfrentamento da realidade. Por isso Joana da Gama (1520[?]-1586) é, dentre os escritores/as do século XVI, um caso totalmente atípico: nem era aristocrata, apesar de ter tido pais nobres, nem estava junto ao poder da Corte, não teve acesso à instrução de alto nível, não era latinista, nem possuía grandes e/ou variados conhecimentos. Estamos diante de uma autodidata que aprendeu a ler para ter acesso à cultura e melhor perceber o mundo que a cercava, como afirma Anne-Marie Quint:

On voit donc que cette modeste ‘freyra’, masque de Joana da Gama, ne manque pas de talent. Ecrivain mineur, certes, mais doué. Elle se situe à La périphérie du petit monde de ‘l’intelligentsia’ portugaise de l’époque, à l’écart de la Cour, interdit d’Unisersité, mais elle fait comme les petits chiens dans l’évangile de la cananéenne: elle ramasse les miettes des convives, et se nourrit de ce qui passe à sa portée (QUINT, 1995, p. 54).

Outro fato digno de nota é que foi Joana da Gama quem decidiu por ‘livre vontade’ retirar-se do mundo, fundando na cidade de Évora um recolhimento chamado “Salvador do Mundo” após ter ficado viúva. Embora talvez não tivesse outra escolha, visto na sociedade da época não ser aceitável que uma mulher pudesse viver sem tutela masculina, o próprio vocábulo solteira tinha, nesse século, um sentido profundamente pejorativo, e os espaços de clausura destinados às

⁶ Tal literatura é definida por Isabel Morujão com os propósitos temáticos do Barroco: “a literatura conventual feminina faz-se eco desse fortíssimo filão que caracterizou a poesia barroca em geral [...] o tema do desengano do mundo”.(MORUJÃO, 2005, p. 617).

mulheres poderiam, além de render prestígio social, em alguns casos, prover um retorno financeiro⁷.

A sua única obra publicada, sem indicação de autor⁸, lugar, editor ou data⁹, intitula-se *Ditos da Freira* e encontra-se dividida em duas partes: a primeira composta de aforismos, e a segunda de formas versificadas (como trovas, vilancetes, sonetos, e cantigas). A nossa primeira interrogação é: por que esse anonimato em relação à autoria da obra? Talvez fosse essa a intenção de Joana da Gama, que se representa humildemente nos seus aforismos, porque para a escritora mais importa o conteúdo escrito (cremos, também, que para ter a possibilidade de intervir no campo literário, de ter uma voz, de ser lida) do que o nome que lhe estaria associado.

No frontispício o que se assinala é, em primeiro lugar, o seu estatuto de “freira de Terceira Regra” (ainda que fictício)¹⁰ como autoridade que se impõe pelo epíteto qualitativo da erudição feminina e da respeitabilidade social; estatuto que não obteria enquanto beata que era, embora lhe conferisse a desejada autonomia, quer dizer, uma independência ‘assistida’: autossuficiente do ponto de vista econômico e sem professor, poderia ser senhora do seu próprio destino, e, estando sob a guarda de um recolhimento, ninguém poderia macular a sua reputação. Em segundo lugar, diz-se também no frontispício: “contém sentenças muy notáveis, e avisos necessários”, sentença reveladora do conteúdo e mensagem da obra, que se avança de grande necessidade aos leitores. E desta forma se justifica a não identificação pessoal do autor da obra, pois mais importa o seu estatuto - esse sim fundamentando o apelo à atenção do leitor para os “avisos necessários” que a obra porta, conferindo-lhe autoridade crítica consensual numa tentativa de obter e aliciar leitores. Aliás, essa é uma atitude frequente dos produtores de textos, como bem

⁷ Refere Elisja Schulte van Kessel sobre esta dinâmica nos conventos femininos: “Nos países católicos, os conventos conservavam a sua função de instituições de segurança social, mas sobretudo em benefício da elite urbana. Uma união com Cristo exigia um dote comparativamente bastante menor do que um casamento. Além disso, o pai da noiva adquiria, de certa forma, direito de opinião em assuntos respeitantes à casa onde a sua filha dava entrada, e recebia mesmo certos rendimentos, desde que conseguisse para ela uma das funções dirigentes do convento” (KESSEL, 1993, p. 205).

⁸ Foi Barbosa Machado (1752, p. 145) que, através das suas investigações, atribuiu a Joana da Gama a autoria desta obra.

⁹ Na investigação sobre a data de publicação da obra Anne-Marie Quint refere que *Ditos da Freira*: “vem encadernado junto com um livrinho espanhol, a partir do fólho 61; também não tem numeração. É uma edição de *Alivio de caminantes* de Juan de Timoneda, que consta de 58 fólhos, e cuja página inicial indica: Impresso em Évora en/ casa de Andres de/ Burgos/1575” (QUINT, 2010, p. 11).

¹⁰ Joana não professou como freira, nem a Terceira Regra, que se refere à Ordem Terceira de São Francisco, obrigava a professar.

explicita Itamar Even-Zohar: “há una lucha permanente, y com muchas fluctuaciones, por parte de los productores de textos, para convertir sus productos en bienes valiosos y, sobre todo, mantenerlos como tales” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 4).

A capacidade de decisão e determinação de Joana da Gama, em pleno século XVI, configuram-na como um caso raro na literatura portuguesa. Versando sobre diferentes tópicos, tanto da vida religiosa (Deus, fé, graça, paz) como do quotidiano mundano (música, gostos, inveja, costumes, amor e amizade), demonstra ter como objetivo granjear o maior número possível de leitores. No entanto, alguns dos seus aforismos (ditos) são reveladores de reflexões acerca de certa condição feminina. Anne-Marie Quint afirma a este propósito: “Il me semble que se fait jour dans les lignes une manière à la fois douloureuse et fière d’assumer sa condition féminine. Joana affirme hautement que le monde est cruel envers les femmes, mais qu’elles sont impuissantes à le transformer” (QUINT, 1995, p. 49).

Destacamos principalmente os “Ditos do autor de si mesma” e “Mulher”. No primeiro, coloca-se num patamar inferior ao assumir-se como “ignorante sobejo” (GAMA, 2010, p. 40) e ao afirmar que possui “fraca memória” (GAMA, 2010, p. 40), pedindo perdão aos seus juízes (os leitores, decerto masculinos que eram quem, na grande maioria, sabiam ler). Mas a autora dá o entendimento de que os seus ditos são “pera ensinar”, e escreveu-os para não serem esquecidos; uma referência de leitura, portanto. E por isso pede-nos, humildemente, para repassá-los, aludindo que foi através do incentivo de suas irmãs monjas que se dispôs a compor esta obra:

Minha pouca capacidade e baixeza de meu entendimento me estão ameaçando, e me dizem que não terá culpa quem ma der em escrever estes ditos. Eu o fiz pera não me esquecerem, e comuniquei-os com minhas amigas. Elas puseram os olhos na minha tenção, pediram-mos, não lhos soube negar. Isto vai já parecendo desculpas, de que eu sou pouco (GAMA, 2010, p. 40).

Apesar de admitir que escreve com o intuito de não esquecer suas convicções, fica claro que estes ensinamentos são conselhos da ‘razão’; não são, pois, instruções pessoais da autora mas do que deveria ser do conhecimento de todos, independentemente do seu gênero ou condição social, como assim revela no dito “Língua”: “Tudo o que se há-de falar e obrar há-de ser medido e aconselhado com a razão. E isto que escrevo é pera não me esquecer, que eu não queria emendar senão a mim” (GAMA, 2010, p. 47). Acima de tudo, os seus ditos são ensinamentos de virtudes, reflexões em torno do comportamento humano, individual

e social, que necessita ser repensado tanto nos atos como também nas palavras: “Palavras atrevidas mostram sair de meolo vazio. As pessoas nobrecidas de virtudes, por mais contradições que tenham, são refreadas da língua” (GAMA, 2010, p. 53).¹¹

Já no dito “Mulheres”, Joana da Gama admite que as mulheres do seu tempo vivem de 'crédito', ou seja, da reputação (“obrigações das virtudes”), reconhecendo a “fragilidade feminina”: “a fraqueza das mulheres são pouco aparelhadas para sofrer as adversidades” (GAMA, 2010, p. 50). Acredita também que para “seguir as virtudes” muitas mulheres “sofrem penosas sojeições”, revelando que a condição feminina é determinada pelo meio social antes do nascimento, condicionando-as a um espaço e tempo determinados, fazendo-as prisioneiras de si mesmas:

Sojeições estão guardadas para as mulheres, antes que elas saibam sentir, e depois sofrem os trabalhos, com poerem os olhos nas obrigações com que nasceram. [...] São mulheres tão cobiçosas de honra, e têm tão prezadas as bondades que por as adquirirem e fecharem as portas às sospeitas, enventaram encerramento desconversáveis e ásperas à natureza (GAMA, 2010, p. 51).

Declarando assim, abertamente, que as mulheres possuem “qualidades” e que se sacrificam para se manterem sempre virtuosas, acresce que tal não aparenta ter reconhecimento pelo meio social. Joana alude também à condição monástica de muitas que estão esquecidas no anonimato: “A estremidade de suas muitas virtudes não são divulgadas, porque elas pela sustentarem estão encerradas” (GAMA, 2010, p. 51). Lembremos que essa ideia de encerramento feminino virtuoso era comum a todas as mulheres consideradas ‘respeitáveis’, e por isso, nesta época, elas viviam encerradas, fosse num convento ou em sua casa, tanto casadas como solteiras. A ideia de recolhimento era sinônimo de estatuto de honradez, como assim nos explica Vanda Anastácio:

Num contexto cultural em que o espaço cedido à actuação das mulheres era extremamente reduzido e em que estas viviam na dependência do pai ou do marido, instituições como os conventos eram vistos como uma solução digna para o problema que representavam mulheres oriundas das camadas superiores da sociedade sempre que não dispunham de tutela masculina: quer por terem ficado órfãs ou viúvas, quer devido ao abandono familiar, quer

¹¹ Dito intitulado “As Palavras”.

porque elas próprias ou aqueles que as tutelavam tivessem cometido infração à ordem ou à moral. (ANASTÁCIO, 2010, p. 127).

Os versos de Gama tocam as mesmas temáticas dos aforismos, contudo, focando principalmente tópicos ligados à razão, ao tempo, à tristeza, à velhice e ao desamparo. Para Anne-Marie Quint, Joana da Gama deve ter ouvido muitos sermões e deve ter lido muitos livros de devoção para, de forma autodidata, conseguir utilizar os seus ensinamentos de forma própria nos seus ditos, incentivando as suas companheiras:

Escrever é para Joana uma actividade que a apazigua. Se é verdade que escreveu mais ‘livrinhos’, o que publica é, portanto, uma selecção, feita a pedido de suas amigas e companheiras. O caso é frequente, menos frequente porém, o tratar-se de um negócio de mulheres que não parecem pensar nem um instante em pedir conselhos a homens (QUINT, 2010, p. 15).

O dito intitulado “Escrever” é revelador de como o trabalho autorreflexivo da escrita a ajuda, no seu dia a dia, a enfrentar os seus dilemas pessoais, numa prática que favorece o seu novo estilo de vida, mas que não se torna um ato egocêntrico, já que tais reflexões são feitas para seus leitores “estimarem as letras e escrituras” (GAMA, 2010, p. 62)¹² numa proposta concreta de alteridade: “Vim achar na pena descanso. Nunca dele servira se mo não ensinaram uns livrinhos que escrevi, sem saber mais letras que as do A.B.C., por fogir ao grande pego de males que é ouciosidade” (GAMA, 2010, p. 62)¹³.

Referimos, assim, brevemente, a singularidade da sua produção, e como a autora foi um símbolo feminino que, de alguma forma, conseguiu burlar o sistema de autoria exclusivamente masculina, utilizando diversas estratégias, fosse assumindo-se freira sem o ser, fosse desculpando-se perante os leitores, dizendo que os seus textos, por ser mulher, seriam de pouca qualidade (obedecendo assim aos estereótipos que seriam importantes tomar sobre si), sem, no entanto, desprestigiar os seus ditos, que seriam de extremo valor para o leitor.

¹² Dito intitulado “Sabedoria”.

¹³ Dito intitulado “Escrever”.

Referências

ANASTÁCIO, Vanda. A virtude é uma fantasma nestes sítios. In: GOMES, Ana; FRANCO, José (Coord.). *Dominicanos em Portugal: história, cultura e arte*. Lisboa: Aletheia Editores, 2010. p. 124-141.

CROIX, Arnaud de la. *O erotismo na Idade Média: o corpo, o desejo, o amor*. Tradução de José Espadeiro Martins. Mem-Martins: Europa-América, 2004.

EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío; MONEGAL, Antonio; BOU, Enric (Ed.). *Sin Fronteras: ensayos de literatura comparada*. Madrid: Editorial Castalia, 2010. p. 27-36.

GAMA, Joana da. *Ditos da Freira*. Edição literária de Anne-Marie Quint. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

GORAK, Jan. *The making of the modern canon: genesis and crisis of a Literary Idea*. London/Atlantic Highlands: Athlone, 1991.

KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle; DAVIS, Natalie; FARGE, Arlette Farge (Ed.). *História das Mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1993. p. 181-197.

LEÃO, Duarte Nunes do. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1610.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Of. Antonio Isidoro da Fonseca, 1752.

MORUJÃO, Isabel. *Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (séc. XVII e XVIII)*. 2005. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

OPTIZ, Claudia. O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Ed.). *História das Mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1993. p. 353-435.

PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Tradução de Maria Dolores Figueira. Lisboa: Estampa, 1995.

QUINT, Anne-Marie. Introdução. In: GAMA, Joana da. *Ditos da Freira*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. p. 7-25.

_____. Joana da Gama: une femme écrivain dans le Portugal du XVI siècle. In: QUINT, Anne-Marie (Ed.). *Modèles et innovations: études de littérature portugaise et brésilienne*. Paris: Press de la Sorbonne Nouvelle, 1995. p. 37-59.

SÁ, Isabel dos Guimarães. Os espaços de reclusão e a vida nas margens. In: MATTOSO, José; MONTEIRO, Nuno (Ed.). *História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna*. Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2011. p. 276-299.